

MICROSCÓPIO

A Derrocada

Raul Pilla

HOUVE há alguns anos o primeiro desmoronamento. Se bem estou lembrado, em Copacabana. A um largo intervalo, ocorreu o segundo, em outra parte da cidade. Depois, outros se foram sucedendo, cada vez com menor intervalo. E agora tal é a frequência de edifícios que desabam ou ameaçam ruir, que a população da cidade anda alarmada.

Qual a causa do fenômeno? A pouca solidez do terreno? Em certos casos é inegável este fator. Correntes ou lençóis de água subterrânea aluíriam os fundamentos do edifício. Mas desmoronamentos temos havido também em terrenos de grande firmeza. Erros de cálculo na construção, mais provavelmente má qualidade dos materiais empregados são a explicação corrente. Fraude, ou incompetência. Os edifícios caem porque foram, ou mal

projetados, ou desonestamente construídos. E, por sobre tudo isto, a negligente fiscalização da Prefeitura, que enseja tanto uma, como outra coisa.

Este é o aspecto material da questão, a qual não se pode reduzir a simples problema de engenharia. Por trás d'êste há o fator social. Os edifícios desta "cidade maravilhosa" caem, porque alguma coisa está a cair na própria sociedade que ela abriga. Há, sem dúvida, uma questão de sondagem do solo, uma questão de resistência dos materiais, uma questão de boa projecção do edifício; mas, antes disto e por baixo de tudo isto, há uma questão de ordem moral. Por mais estranho que à primeira vista possa parecer, os edifícios caem no Rio de Janeiro por falta de probidade. Se todos os construtores fossem honestos e se a municipalidade, por seu lado, cumprisse rigorosamente o seu dever, os edifícios não ruiriam com tão escandalosa facilidade.

A derrocada moral precede a derrocada material e a provoca. Antes dos esteios dos edifícios, cedem os esteios da sociedade.